

| Conto

OS SÁBIOS DE BARUCH

Por Thiago Lia Fook

¿Quién serás esta noche en el oscuro
sueño, del otro lado de su muro?

(el sueño, Jorge Luis Borges)

NO DIA EM QUE OS NORTE-AMERICANOS iniciaram a investida contra Bagdá, Homero Quiroga esteve em minha casa. Como de costume, vinha à procura do papo e, dissimuladamente, do jantar. Papeamos, comemos, papeamos. Ainda era cedo quando ele fez menção de ir embora. Por educação, convidei-o a permanecer. Estranhamente, ele não aquiesceu. Tinha de partir não porque estivesse atarefado, mas porque eu teria muito a fazer com o que ele me trazia. Dizendo isso, sacou da bolsa que sempre o acompanhava um livro bem encadernado e, estendendo-o para mim, explicou:

— O volume XXVI da *Cyclopaedia* de 1917. Encontrei-o, inacreditavelmente, em um sebo de Buenos Aires que não o havia incluído no catálogo. Agora que o li, não vejo sinceramente onde está a razão de sua fama. Tome, é seu. Faça bom proveito.

Nunca tinha ouvido falar na *Cyclopaedia*, muito menos na fama de seu volume XXVI. 1917? Até então, lembrava-me apenas os bolcheviques. Estive a um segundo de confessar minha ignorância. Detive-me. Mais outro segundo, imaginei que Homero talvez houvesse preparado uma cilada: forjaria a fama de uma enciclopédia qualquer e, em seguida, flagrar-me-ia afetando erudição. Entre a verdade e o fingimento, preferi o silêncio. Peguei o volume, folheei-o aleatoriamente e larguei-o sobre a mesa. Homero esperava-me com meio sorriso, agradeceu-lhe secamente. Despedimo-nos.

Liguei o televisor para ver o noticiário, já esquecido do volume XXVI. As bombas caíam sobre os iraquianos, cujos alarmes soavam com estridência vagamente reproduzida pela cinegrafia, enquanto eu folgava em ouvir, além da janela, não mais que o cricrilo de um ou outro grilo insone. Senti-me cansado. As notícias continuaram. Estirei-me no sofá. Começou a novela. Pensei em mudar o canal ou desligar o aparelho. Os capítulos se sucederam. Ainda precisava preparar a mala para viajar no dia seguinte. A programação avançou noite adentro. Gradualmente, adormeci.

Despertei sobressaltado. Vacilei por alguns segundos entre a sensação de ter ouvido um ruído e o desconforto de ter o corpo triturado pelo cochilo no sofá. Outro ruído deu-me a certeza do primeiro e colocou-me de pé, à procura de onde partiram ambos. Notei uma luz difusa insinuando-se na escada que leva ao escritório, no andar de baixo. Estremeci. Lembrei-me de não ter ativado o alarme e hesitei entre seguir em direção à escada ou ligar para a empresa de segurança. Optei pelo telefone, mas ele não estava onde de costume. Apavorei-me. Precisava de uma arma para defender-me, mas o revólver era guardado no escritório. Restavam-me as facas na cozinha. Corri na ponta dos pés para lá e, tentando não fazer barulho, revirei as gavetas à procura de uma faca adequada. Onde estavam as pontiagudas? E a peixeira? Só as facas de mesa vinham à tona. Pensei que eu mesmo poderia ter deixado a luz do escritório acesa e os ruídos fossem de algum inseto debatendo-se contra as paredes. Outra vez o ruído, o consolo se desfez. Foi então que percebi, aos pés da geladeira, o embrulho com as ferramentas que o jardineiro deixara para concluir o serviço na segunda-feira. Atirei-me sobre ele, desatei o nó com dificuldade e dei de cara com um punhal. Tomei-o sem pensar duas vezes e, embora nunca houvesse empunhado um objeto como aquele, segurei-o com a firmeza e a resolução de quem parecia habituado ao instrumento. Caminhei com cautela para a escada, comecei a descer os degraus em surdina. Ao final do primeiro lance, ouvi os ponteiros do relógio, que marcavam doze horas, e minha própria respiração, ofegante. Temi denunciar minha presença. Detive-me. Ouvi o princípio de um bramido. Senti o suor escorrer debaixo dos braços e quis desistir de completar o percurso. Ouvi as páginas de um livro sendo passadas. Resisti ao pânico. Ouvi outro peito ofegar. Prossegui, tremulando na mão o punhal. Quando cheguei ao último degrau, notei que minha sombra já se projetava sobre a parede da escada. Não havia como recuar. Fui salientando vagorosamente a cabeça em direção ao lugar de onde vinham os barulhos até que... não me contive! Saltei assustado para trás e, logo em seguida, sobre o pavimento. Quis correr, mas os pés não me obedeceram. Quis gritar, mas a boca não se abriu. Quis

fechar os olhos e tornar a abri-los, mas sequer os senti. Diante de mim, com as patas dianteiras trepidas sobre a mesa de estudo, uma panthera folheava o volume XXVI da *Cyclopaedia*, sem perturbar-se com minha súbita aparição.

— O que é você? – perguntei, entre o assombro e a fúria.

— Quem sou eu? Queres dizer...

Detivemo-nos brevemente. Ela prosseguiu:

— Sou quem já não era, mas voltou a ser.

— Como você entrou em minha casa?

— Fechaste as janelas, abriste a porta.

— O que você quer comigo?

— Quero que me tragas as quatro cores cardeais. O negro do norte, o vermelho do sul, o branco do oeste, o azul do leste.

— O que isso significa?

— Não podes compreender. Estás livre para associações.

Dizendo isso, ela ergueu a cabeça e fixou os olhos nos meus; mas não havia olhar neles, havia apenas os vagos globos das estátuas de mármore. Avancei em sua direção, manipulando o punhal, entretanto a disposição dos móveis mudou bruscamente e eu, desaparecendo, reapareci onde ela estava no segundo anterior. Abaixo, o espelho da mesa refletiu meu espanto. De dentro dele, a panthera lançou-me os olhos sem expressão. E bramiu. Compreendi que se tratava de uma cena terrífica, no entanto o torpor do sono já começava a invadir-me o corpo e paralisar-me a mente. Quis escapar dali e bradar palavras de desespero, mas não conseguia controlar meus próprios movimentos. Sentei-me na poltrona e deixei a cabeça tombar sobre o peito. Dormi.

Quando acordei, meus olhos deram para o relógio. Eram nove horas da manhã. Imagens fragmentadas vieram-me à memória. Um animal no escritório, o punhal do jardineiro, a visita de Homero... lembrei-me de que havia adormecido no sofá, no entanto acabara de acordar na poltrona do escritório. Demorei alguns segundos até vencer o torpor, senti o corpo moído e espreguicei-me. Ao fim do bocejo, compreendi o que havia ocorrido. O sonambulismo. Mais uma vez, eu havia passeado pela casa enquanto dormia e, durante o passeio, sonhei.

Acomodei-me na poltrona. Vi sobre a mesa o presente de Homero, estirei os braços para alcançá-lo e abri-o sobre as pernas. Era o volume de uma enciclopédia comum, com verbetes, textos explicativos e ilustrações. Notei apenas que as últimas quatro páginas

havam sido arrancadas por alguém que não tivera o cuidado de apagar os vestígios de seu delito: restos das duas folhas despontavam da brochura. Levantei-me e, ao colocar de volta o livro sobre a mesa, dei-me conta de como meu sonambulismo fora longe naquela noite – o punhal do jardineiro estava largado no chão do escritório.

Devolvi o punhal ao embrulho, na cozinha, e reatei o nó. Desliguei a televisão na sala, prometendo a mim mesmo que nunca mais teria uma noite tão mal dormida como aquela. Lembrei-me de que precisava coletar informações sobre a *Cyclopaedia* de 1917 para um eventual embate com Homero. O telefone tocou. Era Marinho, confirmando que passaria às dez. A viagem, quase me esquecera! Acabei de despertar sob o chuveiro, fiz a mala às pressas. Dali a pouco, parti para Recife. Um feriado na sexta, o sábado e o domingo adiante...

Três semanas depois, a campainha de minha casa disparou. Um toque após o outro, freneticamente. Era Homero Quiroga. Não era mais, no entanto, o mesmo homem que havia estado ali pouco tempo atrás. Mal abri o portão, ele atravessou o jardim às pressas e atirou-se porta adentro sem um cumprimento sequer. Estava atordoado. Os cabelos desgrenhados, a barba por fazer e as olheiras completavam o quadro sombrio. Tentei acalmá-lo, perguntei o motivo da transformação. Homero não quis sentar-se. Espreitava o exterior pelas janelas e falava aos sussurros, quase inaudíveis.

— Cuidado, muito cuidado!

— Com o quê?

— O livro, onde está? O volume XXVI...

— Está lá embaixo. Mas, afinal, o que há com você, Homero? Por que essa aparência? E esses sussurros? – insisti em compreender a situação, um pouco impaciente.

— Você não notou nada estranho com o livro? E em torno da casa, alguma movimentação pouco usual?

— Claro que não. Tudo continua em ordem. Por que o simples volume de uma enciclopédia poderia tumultuar minha casa ou a sua vida? – devolvi a pergunta, elevando o tom de voz.

— Não, meu caro, não é o simples volume de uma enciclopédia qualquer. É o volume XXVI da *Cyclopaedia* de 1917, ou seja, é o volume que contém as quatro páginas proibidas dos sábios de Baruch.

— Logo vi. Aí está! Então, era essa a intenção. Emprestar o livro e, depois, encenar a peça... – concluí aliviado, supondo ter desvendado a brincadeira.

Homero enrijeceu as feições, fez-se assustadoramente sério e repreendeu-me energicamente:

— Não ouse duvidar do que não conhece. Isso não é brincadeira. Você não faz idéia dos riscos que corremos. Vamos, o livro. Agora!

Desci ao escritório, disposto a devolver o livro e encerrar pelo menos aquele ato. Quando tomei o volume nas mãos, lembrei-me das folhas arrancadas e da referência aos sábios de Baruch. Sorri para mim mesmo de como Homero havia se esforçado para dar verossimilhança à trama que encenava no andar de cima. Subi na expectativa de encontrá-lo às gargalhadas, certo de que me pegara. Mas ele avançou sobre o livro com afoiteza e eu mal pude conter a piedade sincera diante do desespero que se desenhava em sua face quando ele abriu o volume pela contracapa.

— As últimas folhas! Onde estão?!

— Eu não as tirei. O livro está como você me deu.

— Mas elas estavam aí há três semanas! Se você não as destacou, é claro que alguém fez isso e você não percebeu. Os sábios estiveram aqui!

— Ninguém entrou em minha casa, homem! Afinal, que tipo de brincadeira é essa? — não consegui esconder a irritação.

— Já disse que não é brincadeira. Ouça bem. Há cerca de cem anos, uma sociedade secreta de sábios, conhecida como sábios de Baruch, desenvolveu um ritual mágico capaz de criar uma civilização do nada, usando apenas a imaginação. Consideraram prudente preservar seu ritual exclusivamente na memória, para evitar que pessoas indesejadas tivessem acesso às fórmulas e, conseqüentemente, ao poder que elas ensejam. Em 1917, um dissidente do grupo tomou notas acerca da civilização que eles criaram e conseguiu publicá-las nas últimas quatro páginas deste volume. Os sábios ficaram enfurecidos com o dissidente e decidiram puni-lo com a morte. Tentaram também adquirir todos os exemplares da edição de 1917, a fim de evitar que se tornasse pública a civilização criada por eles, mas falharam neste exemplar, o único a escapar da sanha destruidora. Desde então, os sábios e seus sucessores na sociedade têm procurado o volume e punido com a morte todas as pessoas que lêem as páginas proibidas. Quando comprei esse livro, eu conhecia rumores sobre a existência dos sábios de Baruch e sua civilização, mas não pude imaginar que eles fossem tão reais e perigosos. Minha casa foi invadida, mensagens enigmáticas foram enviadas para o meu e-mail e, a qualquer momento, os membros da sociedade me alcançarão.

A essa altura, minha paciência esgotou e interrompi o discurso de Homero. Lembrei-o de que eu não era dado a credices nem superstições, portanto não cairia naquela estória. Notei lacunas e contradições no enredo. Por que os sábios invadiriam minha casa, levariam apenas as últimas folhas e ainda me deixariam vivo? Homero limitou-se a dizer que eu não deveria preocupar-me, afinal os sábios só matavam quem lesse as páginas proibidas, o que não era o meu caso. Abraçou-me com força e despediu-se, levando consigo o livro.

No dia seguinte, recebi uma ligação da mãe de Homero. A mulher estava preocupada com o filho. Disse-me que ele havia passado a acompanhar-se de pessoas estranhas e, desde então, comportava-se de maneira enigmática. Como sabia que nós dois éramos bons amigos, ela pediu que eu descobrisse o que estava ocorrendo e trouxesse seu filho de volta à normalidade. Senti-me culpado por não ter suspeitado de que os delírios sobre os sábios de Baruch fossem além da brincadeira. Naquela mesma tarde, tentei em vão entrar em contato com ele.

Dois dias depois, o corpo de Homero Quiroga foi encontrado no Evaldo Cruz. Pendia do galho de uma árvore, trajava a mesma roupa com que ele havia estado em minha casa pela última vez e nele não se encontrou nenhum sinal do paradeiro do volume XXVI da *Cyclopaedia* de 1917.